

ESCOLAS INDÍGENAS EM RORAIMA: PROCESSOS INTERCULTURAIS

Roseli B. Silva dos Santos

Mestre em Ciência da Educação Superior, Especialista em Metodologia do Ensino Superior Graduação em Ciências Sociais e Geografia. Professora de Antropologia Cultural, Fundamentos de Sociologia, Geografia, Metodologia Científica nos cursos superiores de Tecnologia em Turismo, Educação Física e Desenvolvimento de Sistemas em Informática

RESUMO

A educação escolar indígena ao longo da História social foi constituída de conflitos, por ser introduzida por personagens alienígenas. Entretanto, tornou-se uma porta para novas mudanças políticas que se manifestam como processo intercultural. Entende-se assim, diante de todos os componentes pedagógicos: professor, aluno, comunidade e literaturas, além dos personagens envolvidos nas obras literárias, uma interação de conhecimentos. Em Roraima os povos macuxi e wapixana convivem e compartilham as diferenças culturais, além de assimilarem e intercambiarem elementos da cultura “ocidental” introduzida pelos não índios. Portanto, as escolas contribuem para a dinâmica intercultural.

PALAVRAS-CHAVE

Intercultural. Escola. Indígenas

ABSTRACT

The native scholar education along the social history was established by conflicts, to be introduced by alien personages. However, it became a door for new politician changes that are manifested as intercultural process. Then, we can understand in front of all the pedagogic components: teacher, student, community and literature, besides the personages involved in the literature masterpiece, an interaction of knowledge. In Roraima, the macuxi and wapixana nation live together and share the cultural differences, besides assimilating and exchanging elements of “occidental” culture introduced by not indians. Then, the school contributes to the dynamic intercultural.

KEYWORDS

Intercultural. Native. School

INTRODUÇÃO

Este estudo faz uma análise sócio-pedagógica e cultural de duas etnias do Estado de Roraima e tem como propósito demonstrar que as relações estabelecidas entre as nações possuem potencial intercultural que, agindo de forma positiva torna-se instrumento necessário para contemplar a resistência étnica. A escola indígena possui elementos potencializadores de conhecimentos e relações de trocas que contribuem na formação de atitudes políticas para fortalecimento do grupo.

A educação para os povos indígenas é reconhecida nos Referenciais Curriculares Nacionais, baseia-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei 9.394/96), sendo diferenciada. Isto tem causado repercussões entre estudiosos e representantes indígenas, que buscam interpretar as contradições de vários elementos presentes na estrutura curricular por imposição da concepção tradicional, que se manifesta principalmente nas escolas indígenas. O estudo sobre a temática tenta contextualizar a educação escolar no âmbito da esfera nacional. Situa o fenômeno intercultural como processo positivo. Portanto, faz-se presente uma reflexão histórica sobre representações sociais conflituosas que promovem mudanças e novos avanços que fazem os sujeitos da aprendizagem interagir.

O PROCESSO INTERCULTURAL

Sendo a escola uma instituição organizada socialmente, é necessário interpretar o sistema educativo brasileiro, que garante os direitos da diversidade cultural das etnias. Nesta condição, pôde-se verificar a correspondência entre a Legislação e os direitos atribuídos para as escolas das comunidades indígenas. Ao se tratar das comunidades que possuem etnias diferentes, constituídas em uma teia de relações, apresentam alguns elementos que lhes são peculiares, porém compartilham o sistema de organização social e política que se estabelece no seio de cada comunidade. A contextualização, firmada junto ao espaço comunitário, torna-se visível na prática pedagógica escolar. A escola é abarcada pelos componentes do processo educativo como: professores, estudantes, objetivos, conteúdos, métodos, recursos, avaliação, a participação dos pais e moradores de etnias diferentes, unidos para a formação científica, configurando-se num processo de interculturalismo e educação.

É possível encontrar conexões na relação entre sujeitos de culturas diferentes e suas pertinências dentro da ação educativa. Neste sentido, considera-se o outro como alguém que se faz presente de modo consciente e ativo no processo de

ensino-aprendizagem, estabelecendo relações interculturais, pois principalmente em comunidades compostas por duas etnias, num mesmo espaço geográfico, a inter-relação cultural torna-se cada vez mais efetiva.

As comunidades indígenas do Estado de Roraima têm como principal líder a figura do Tuxaua, que exerce importantes funções em termos políticos. Observa-se que a sua liderança volta-se, principalmente, para a discussão da questão territorial, econômica e educativa. No aspecto territorial, a questão da demarcação das terras indígenas é o foco fundamental de discussão, devido formar parte de uma ampla e complexa problemática fundiária no estado de Roraima. Esta atitude política está voltada aos conhecimentos construídos e assimilados ao longo da história de lutas dos povos indígenas.

A tomada da realidade como ambiente de captação e produção do conhecimento torna-se um espaço próximo à concretização de um processo educativo segundo Fleuri (2001), implica na criação e desenvolvimento de contextos educativos ativos e interculturais.

Para se entender o nexos entre a realidade concreta e a produção do conhecimento que as comunidades vêm estabelecendo em suas escolas, necessita-se definir as categorias conceituais de interculturalismo na educação, que vêm sendo discutidas e analisadas historicamente no contexto formador assentado tanto na América Latina como no Brasil.

Toma-se como base as ricas contribuições do professor Ronaldo Matias Fleuri acerca da formação epistemológica e histórica do interculturalismo na educação.

Logo, entende-se multiculturalismo como:

um processo multidimensional de interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes. Estes, através do encontro intercultural, vivem numa experiência profunda e complexa de conflito/acolhimento é uma oportunidade de crescimento da cultura pessoal de cada um, na perspectiva de mudar estruturas e relações que impedem a construção de uma nova consciência civil (FLEURI, p .4b).

Como este conceito não comporta a dimensão do fenômeno manifesto, reivindica-se então, um outro – o interculturalismo. No campo semântico, na palavra “intercultural”, há após o prefixo, uma concepção de cultura. Ela necessita ser concebida como um modo próprio de um grupo social ver e interagir com a realidade. (...) saberes de grupos e de pessoas históricas, das quais jamais podem ser completamente separáveis.” (op.cit, 2001).

Com base nesta visão de mundo, a escola possui elementos potencializadores para que a troca de valores entre os sujeitos da aprendizagem se intensifique, pois além dos conhecimentos teóricos da cultura ocidental não indígena, são compartilhados conhecimentos da própria experiência entre diferentes grupos, nos segmentos da língua materna, arte e costumes como hábitos alimentares, e demais elementos culturais presentes nos grupos que estão efetivamente interagindo entre si.

As relações interculturais avançam com maior intensidade entre povos e grupos étnicos, então há uma dinâmica ativa da troca de valores sem perder ou esquecer elementos presentes em uma dada cultura. Pois, os grupos étnicos assimilam e incorporam valores numa relação de intercâmbio, proporcionando alteridade cultural entre si. Nesta interpretação, a educação é tida como um espaço criador que se faz representar tanto subjetiva quanto objetivamente, como apresenta Giroux:

a educação é uma ligação direta com a criação de esferas públicas alternativas, e apresenta tanto um ideal quanto uma estratégia a serviço da luta pela democracia social e econômica (...) que surge dos grupos envolvidos simultaneamente se baseia em construtos teóricos que apresentam aos participantes, situar questões dentro de um contexto histórico, social e econômico mais amplo (1986: 308-309).

Daí, educação intercultural, em face das evidências relatadas, conflui para a concepção de Fleuri (2001), quando se refere à educação intercultural conformada como uma pedagogia do encontro, até suas últimas conseqüências, visando promover uma experiência profunda e complexa, em que o encontro/confronto de narrativas diferentes configure uma ocasião de crescimento para o sujeito, uma experiência não superficial e incomum de conflito/ acolhimento.

Mesmo que as práticas pedagógicas problematizadoras se dêem fora de escolas indígenas, estas também se fazem presentes nestes espaços educativos. Porém, camponeses remanescentes de povos indígenas, mediante os “ciclos de cultura” interagem e interpretavam conjuntamente o universo social. Segundo a concepção libertadora, a ação cultural que se orienta no sentido da síntese tem seu ponto de partida na investigação temática ou dos temas geradores, por meio do qual os camponeses iniciam uma reflexão crítica sobre si mesmos (FREIRE, 1982).

Os elementos educativos que participam da construção do conhecimento a partir da realidade concreta encontram-se radicados no cotidiano e nas rela-

ções sociais das comunidades, refletindo assim as experiências históricas, sociais e econômicas. Portanto, professores e alunos, como membros de um grupo maior, vinculam-se às idéias e práticas comunitárias como atores políticos.

Entretanto, os povos indígenas, e especificamente, em Roraima, ainda não romperam com alguns elementos da escola tradicional, mas esta prática vem sendo questionada pelos docentes e demais indigenistas, pois o modelo de educação “formal” escolar, introduzido desde o século XVIII nas comunidades, pautava-se em princípios dogmáticos católicos e de dominação, para atender aos interesses da coroa portuguesa. Contudo houve grandes mudanças ao longo da história social. A interação entre as minorias intensificou-se politicamente e o resultado disso está presente nas comunidades indígenas, principalmente entre os makuxi e wapichana de Roraima.

De acordo com Muñoz (1997), o interculturalismo supõe determinar inter-relação entre diferentes culturas, “inter” indica uma relação entre vários elementos diferentes, marca uma reciprocidade (interação, intercâmbio, ruptura do isolamento), refere-se a um processo dinâmico marcado pela reciprocidade de perspectivas. Estas perspectivas são representações sociais construídas em interação. Portanto, este conceito trata de explicar a realidade social e cultural entre os povos e os elementos pedagógicos presentes nos conhecimentos, habilidades, atividade criadora e normas de relação com o mundo, que se concebe entre as etnias e os conhecimentos assimilados da cultura “ocidental” não indígena, presente nos sujeitos cognoscentes e nos objetos cognoscíveis (literaturas) sistematizados.

Os elementos educativos que participam da construção do conhecimento a partir da realidade concreta encontram-se radicados no cotidiano e nas relações sociais da comunidade, como as experiências históricas, sociais, políticas e culturais. Portanto, professores e alunos como membros de um grupo maior vinculam suas idéias em uma dimensão universal na conexão com as práticas comunitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo tem sua contribuição quando faz uma aproximação da abordagem antropológica à educacional. Pois teve que envolver o ato educativo com elementos que envolvem particularidades referentes aos atores e ao sistema de relações que se estabelecem no universo sócio-cultural-pedagógico, estendendo-se a outras dimensões da vida social. Pois esta análise permite aos educadores uma reflexão sobre as contradições e as relações de confronto/interação como processo da dinâmica social, para que se conceba o interculturalismo como fenômeno po-

sitivo capaz de manter reciprocidade e fortalecer as idéias étnicas na luta contra a discriminação e o etnocentrismo.

A relação entre professores e demais sujeitos das comunidades analisadas configura-se de maneira intercultural, por haver um intercâmbio de idéias que partiram principalmente das discussões político – pedagógicas fundamentadas pelos educadores, quando se expressaram através dos conhecimentos científicos, concepções de mundo que, na sua essência, têm provocado o diálogo entre educadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília-DF, 1998.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação**. 2 ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 1986.

FEURI, R. **Multiculturalismo e Interculturalismo nos Processos Educativos**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino ENDIPE. Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

MUÑOZ SEDANO, A. **Educación Intercultural: teoría e práctica**. Madrid: Escuela Española, 1997.